



“*Vimqve omnem hvmanitatis*”: o modelo pedagógico romano

“*Vimqve omnem hvmanitatis*”: *the Roman pedagogical model*

LETÍCIA PEREIRA PIMENTA¹

Mestranda em História do Direito (PPGDir/UFRGS)

RESUMO: Educar-se é permanentemente esculpir-se, disse Plotino. Formar-se, portanto, na acepção educativa grega era não apenas o formar-se, mas o transformar-se. A educação (*e. ducere*, conduzir para fora, sair de) significava um *vir-a-ser* constante, um processo paulatino e exaustivo de desenvolvimento humano inacabado, em cujo homem jamais deixa de se tornar senão aquilo que já é. A concepção paidético-educativa percebe o ser humano como uma obra de arte em potencial, a ser devidamente moldada. A civilização grega possuía um *ethos* próprio e um ideal de ser humano, aos quais incumbia seus cidadãos se adequar. E este arquétipo representava aquilo que havia de mais cabal na natureza. Em face disso, à imagem e semelhança do modelo paidético grego, surge a *humanitas romana*, ou *romanitas*, ora sob análise.

Palavras-chave: “*Humanitas*”; Educação; Formação integral.

ABSTRACT: To self-educate is permanently to sculpt statues of ourselves, said Plotinus. Therefore, to form, for the purposes of Greek education, was not only to form, but to transform. Educating (and ‘*ducere*’, to drive out, to leave out of) meant a constant come-to-be, a gradual and comprehensive unfinished human development, in which man never fails to become anything other than what it already is. The paidetic-educational concept perceives the human being as a potential art work that must be shaped. The Greek civilization had its own *ethos* and an ideal of human being that incumbent citizens to suit into. And this archetype represented what was most thorough in nature. Due to it, as the image and likeness of the paidetic Greek model, the *humanitas romana*, or *romanitas*, now under analysis.

Keywords: “*Humanitas*”; Education; Integral formation.

A EDUCAÇÃO ROMANA EM SUAS DISTINTAS FASES DE DESENVOLVIMENTO

A acepção de *educatio* não possui exatamente a mesma extensão que aquela contemplada pela Paideia grega, que abarca a formação tanto física quanto moral da pessoa. Marco Terêncio Varrão subdivide as distintas fases educativas em *educit obstetrix*, *educat nutrix*, *instituit paedagogus* e *docet magister* (a parteira traz à luz, a ama de leite o alimenta, o pedagogo instrui e o mestre ensina). Consoante preleciona Rousseau, a educação entre os antigos possuía também a acepção de alimento, de nutrir a alma do educando. Destarte, desde que começamos a viver, inicia nossa instrução. Ou seja, sob tal perspectiva, a educação é uma necessidade inscrita na própria natureza do ser humano (MORIN, 2005, p. 12). Logo, nossa primeira preceptora é a ama de leite; pois educar era uma tarefa feminina. A parteira tira o infante do útero, auxilia no seu nascimento, trazendo-o ao mundo (*educit obstetrix*). A ama de

leite lhe dá o peito, amamenta e nutre o infante (*educit nutrix*). Deste modo:

assim que vem ao mundo, o recém nascido – menino ou menina – é confiada a uma nutriz: havia passado a época em que as mães amamentavam os filhos. Porém a nutriz faz muito mais que dar o seio: a educação dos meninos até à puberdade é confiada a ela e a um pedagogo chamado nutridor (nutridor, *tropheus*) encarregado de sua boa educação (ARIÈS; DUBY, 2004, p. 28).

Retomando a mencionada classificação de Catão, *educit nutrix*, *instituit paedagogus* e *docet magister*, a educação romana bifurca o processo educativo do infante nas funções de *educare*, *instituire* e *instruere* que, portanto, não são uma e mesma coisa e foram desempenhadas por distintas pessoas, consoante se irá deslindar em breve.

A definição feita promove uma distinção existente na educação romana, entre a educação realizada

dentro e fora de casa. A primeira detém muito maior importância que aquela que lhe fora atribuída pelos gregos, e adquire intervenção frequente e regular do pai e da mãe. A segunda serve de complemento e aperfeiçoamento da educação doméstica, auxiliando o jovem ao exercício futuro de uma profissão.

Deste modo, podem-se discernir na história da educação romana dois períodos distintos: um período primitivo, ou período da educação nacional, que vai da República até à conquista da Grécia, no qual os ideais e as práticas serão eminentemente romanos; e o segundo, o período de dominação helenística, durante o qual os ideais gregos modificam os ideais e práticas romanos.

Neste primeiro momento da educação romana, o da educação nacional, a educação será sobremaneira doméstica, mesmo porque, ao ver dos romanos, a família era a célula na qual naturalmente haveria de se crescer e se desenvolver o infante. Só mais tarde haverá resquício de escolas em Roma. A educação do menor ficava a cargo precipuamente da mãe, e em sua segunda infância do pai.

Diferentemente do que ocorria em Atenas, em que o pai estava encarregado da educação da criança, em Roma tal função estava sobremaneira a cargo da mãe. A esta incumbia o cuidado dos filhos e sua instrução ao longo dos sete primeiros anos de vida. Ela lhes ensinava a Lei das Doze Tábuas. Também lhes ensinava rudimentos de leitura, a correta pronúncia das palavras e, para tanto, se valia de letras de marfim ou osso (*litterae eburnae vel boneae*). Lecionava poemas de grandes mestres e os preparava para a aprendizagem da oratória (SEELEY, 1899, p. 76-77).

Em que pese o relevante papel desempenhado pela mulher no processo educativo do infante, era o pai o cabeça da família. Neste período arcaico, o pai será o “artesão” de seus filhos. Não obstante o papel que o Estado desempenhava na vida do cidadão, reconhecia a autonomia do *paterfamilias* sobre sua prole e sua educação, sobre eles gozando de um poder de vida e de morte, ratificada pela Lei das XII Tábuas. Sendo assim, aos sete anos, o filho passava à tutela exclusiva do pai, ensinando-lhes tradições familiares e pátrias, e adestrando-lhes em exercícios físicos e militares (MANACORDA, 2000, p. 116).

Houve um período transicional em que o ideal e os costumes gregos foram sendo paulatinamente introduzidos no contexto romano até sua inserção total. A política expansionista de Roma para fora da Península Itálica ocasionou o desenvolvimento do comércio e o contato com outros povos, exigindo uma cultura cosmopolita. A aristocracia rural da Roma arcaizante desaparece e o poder se concentra nas mãos

da oligarquia (patrícios ou plebeus). Sendo assim, um novo período desponta na história educacional romana. O contato com outras culturas revela o nível precário de conhecimento adquirido no lapso anterior.

A dominação grega e o influxo que se fez sentir na civilização romana são relatados por Horácio ao mencionar que “a Grécia conquistada conquistou por sua vez seu selvagem vencedor e trouxe a civilização ao rude Lácio” (HORACIO apud MARROU, 1948, p. 329). Paulatinamente, vai-se fazendo sentir a presença da cultura grega na civilização e educação romanas. Todavia, em que pese a presença marcante da cultura grega na educação latina, jamais houve uma completa sujeição à mesma, sendo que em diversos pontos se independizará do legado helenístico. As artes musicais passam a ser consideradas como algo reservadas aos libertinos e incompatíveis com os romanos de boa estirpe, tornando-se negligenciadas por parte da educação liberal (MARROU, 1948, p. 336).

Diferentemente do paradigma “paidético” grego, o modelo romano não incentivava a prática desportiva. O pudor romano chocava-se com o pudor grego. E portanto esta seria a marca distintiva entre a “Paideia” e a “Humanitas”.

... a escola grega constituía parte da vida pública. Tinha por cenário a palestra e o ginásio, pois o ginásio era o segundo lugar público aonde todos podiam ir e onde não se fazia apenas ginástica. Mas também se fazia ginástica [...]. A grande diferença entre a educação grega e a educação romana é que o esporte ocupava a metade da primeira; mesmo as matérias literárias [...] eram ensinadas num canto do ginásio ou palestra (VEYNE, 2004, p. 34).

A complexificação da vida social em Roma fez com que a educação doméstica se tornasse paulatinamente insuficiente, fazendo surgir as escolas elementares ou *ludus litterarius*, que eram escolas destinadas a dar alfabetização primária, dedicada a fornecer aos infantes instrução em leitura, escrita e rudimentos de cálculo. De *ludus* se entendem os jogos infantis públicos ou cerimoniais, passando com o tempo a significar por extensão toda e qualquer atividade que envolvesse os infantes. Há quem explique também que a palavra *ludus* era empregada para denotar o local em que se desenvolviam exercícios de qualquer ordem; atividades de intuito pragmático, livres, como os jogos ou dirigidas, como os exercícios escolares (YON apud GALINO, 1973, p. 265). A conotação geral do termo resta elucidada na expressão “*Hoc ita semper arbitratum est scholam quasi ludum esse, forum arenam*” (SENECA, 1783, p. 398). Destarte, no final do período republicano, passa a empregar a palavra *skholé*

com a acepção de ócio, discussão filosófica e logo, local em que se desenvolvia o ócio, passando assim a designar o estabelecimento de ensino do gramático e do retor, mas jamais aquele estabelecimento em que se lecionavam as primeiras letras, ao qual se reservou o nome de *ludus* (BOWEN, 1976, p. 257). De caráter privado, instalavam-se em algum recanto da cidade em algum pórtico ou se anexavam a um templo ou edifício público.

Ao mestre das primeiras letras chamava-se *ludi magister* ou *litterator*. Este não possuía nenhuma formação especial para o exercício deste encargo que não fosse a sua própria formação elementar. Sua função não gozava de grande prestígio (*rem indignissimam*), e os emolumentos que recebiam eram parcos (MARROU, 1948, p. 336).

Os infantes começavam a frequentar as escolas elementares por volta dos seis ou sete anos, acompanhados de um escravo que os conduzia às mesmas, com vistas a protegê-lo e zelar pela sua integridade física e intempéries, e mesmo pela sua boa formação moral, o qual se designava *pædagogus*. Assim, a criança se deslocava ao *ludus litterarius* em companhia portanto do *pædagogus* que portava seu material escolar, que consistia em uma pequena maleta composta de tinteiro, penas, cadernos de madeira para a realização dos exercícios. As atividades se iniciavam em período diurno, sendo que em horário de almoço retornavam às suas casas para fazer sua refeição para retornar ao *ludus* para prosseguir os estudos.

Acabo de aprender minha lição. Peço ao mestre que me deixe ir almoçar em casa; ele me deixa sair; digo-lhe: "passe bem" e ele me responde à saudação. Entro em casa, mudo a roupa. Como pão branco, azeitona, queijo, figos secos e nozes; bebo água fresca. Depois do almoço, volto para a escola. Encontro o mestre começando a ler; ele nos diz: 'Ao trabalho'.

O aprendizado da leitura se dava através do processo de soletrar, e a escrita, por meio da cópia em uma tábua de cera os modelos que o mestre desenhava na parte superior. Primeiramente se conhecia o alfabeto pelo nome e ordem das letras, sem saber-lhes a forma. Das letras passa-se às sílabas até formar palavras, com o intuito de garantir uma pronúncia correta. E, antes de se passar à imediata leitura dos textos, ensaiavam-se pequenas frases, máximas morais de um ou dois versos, como os dísticos de Catão: "Plus vigilia semper neu somno deditus esto; nam diuturna quies vitiis alimenta ministrat" (CATO, 1869, p. 09).

Esta tradição de ensino que nos soa ritualístico não é sem razão. O escopo da educação romana era

sobremaneira induzir o infante a aprender, desde a tenra idade, as letras do alfabeto (*elementa, nota litterarum, characteres vel figuras litterarum*) e em seguida às sílabas (*sicut per characteres vel figuras litterarum infantia nostra pertingit gradatim ad lectionem*). A própria letra e sua posição no alfabeto possuíam significação simbólica e religiosa. Sendo assim, a preocupação educativo-romana precípua residia em buscar antes precisão do que rapidez na aprendizagem.

O ensino da escrita se dava basicamente por dois métodos: por vezes, o mestre colocava sua mão sob a mão do infante para que este siga o modelo proposto (*ductus*); ou o mestre traçava de modo suave a forma das letras e a criança as retraça. O desenvolvimento comercial do período encetou uma grande relevância dos cálculos na formação elementar. Consistia tão somente na aprendizagem do ábaco e do sistema romano de pesos e medidas. Assim, se aprendia a contar as unidades com os dedos e as dezenas, centenas e milhares pondo pequenas pedras, chamadas de *calculi*, nas linhas correspondentes dos ábacos.

O ensino elementar era prerrogativa de meninos e meninas, muito embora fosse mais frequentada por meninos, e perdurava dos seis ou sete anos idade até os doze anos. Neste instante, o sistema educacional romano promove uma inevitável distinção entre os sexos e a situação econômica dos envolvidos. Tão somente os rapazes de família abonada prosseguiam seus estudos secundários; aos de família de parcos recursos, bastava o ensino elementar que lhe dava breves noções de escrita e de cálculo (VEYNE apud ÁRIES e DUBY, p. 32).

Aquele grau de ensino a que designamos ensino secundário é formado pela escola do gramático. O ensino gramatical surge em Roma enquanto consequência de sua paulatina helenização cultural, cujo fundador fora Aelio Estilão, mestre de Varrão e Cícero. Não era ele um gramático profissional, porém instruía aos filhos dos seus amigos.

Por sua vez, o que configura o modelo educacional da "Humanitas" é especialmente o caráter sob o qual o conhecimento é encarado, uma cultura geral que excede os meros interesses locais e nacionais. Portanto, para o estudo da disciplina, havia escolas de dois tipos, uma para o ensino da língua grega, outra para o ensino da língua latina. Quintiliano recomendava que se procedesse primeiro ao ensino da língua grega, mas já por volta do séc. I a.C, a atenção se centrava preferencialmente nos autores latinos mais que nos gregos (MONROE, p. 198). As aulas eram ministradas em uma pèrgula ou em alguma residência particular, sendo que, no século IV de nossa era, totalizavam cerca de vinte estabelecimentos.

Ao mestre desta escola chamava-se *grammaticus* ou *litteratus*. Os romanos realizavam a distinção entre *litteratus* e *litterator* assim como os gregos discerniam *grammaticus* e *grammatistes*. As escolas gramáticas evidentemente deram aos infantes uma formação bem mais densa do que a dada nas escolas *ludi litterarii*, mas é difícil precisar exatamente onde finda o trabalho do *litterator* e onde inicia o do *litteratus* (GRAVES, 1909, p. 252).

O *magister scholæ* gozava de condição superior ao ofício de *ludi magister*, ou *primus magister*, embora siga sendo mal remunerado. Mesmo porque o ensino gramático implicara um conceito bem mais amplo do que aquele que possuímos hodiernamente.

Problemática era, ante ao caráter eminentemente enciclopédico do conhecimento de então, definir os lindes entre os diversos saberes, cujas balizas eram pouco precisas. Havia uma certa imbricação entre as atividades do *litterator* e do *rhetor*. Ocorre que, consoante Suetônio, os *litterati* pertenciam a duas classes: a dos que visavam interpretar de forma crítica os textos e os que tinham como ofício ensinar, e tão somente a estes últimos eram designados *grammatici*. Assevera Suetônio em seu *De Grammaticis Illustribus*, quando dispõe acerca da interface entre a gramática e a retórica, que:

Los antiguos gramáticos enseñaban también retórica, y poseemos obras de muchos de ellos sobre estas dos artes. Sin duda, como consecuencia de una época en que todas las ciencias estaban ya perfectamente delimitadas, conservaron, o hicieron ellos mismos entrar en su enseñanza, el estudio de ciertos conocimientos que constituyen una preparación a la elocuencia (GALINO, 1973, p. 269).

Ainda acerca das funções a serem desempenhadas respectivamente pelo gramático e pelo retórico, Quintiliano preleciona que ao gramático incumbiria repetir os modelos pela cópia e paráfrase (*imitatio*), ao passo que ao retórico (*dicendi peritus*) incumbiria se preocupar com os preceitos que orientam o sistema de invenção e apresentação do discurso (MONGELLI, 1999, p. 38).

Sendo assim, a *ars grammatica* consiste nas funções de correção ao falar e escrever (*ars recte loquendi*) e leitura e compreensão dos poetas clássicos (*enarratio poetarum*). Se dispndia cerca de seis horas para o exercício de tais funções. O principal escopo da *ars grammatica* era estimular o aluno a ler e escrever corretamente, mediante o estudo dos textos clássicos; inicialmente havia uma proeminência da literatura grega, tais como Homero, as obras trágicas, cômicas e líricas e as obras de Esopo; a literatura latina se

cingia Lívio Andrônico, Ênio e Terêncio. Todavia, em breve, procede-se sobretudo à leitura dos textos latinos: Virgílio e Cícero, e logo Sêneca, Horácio, Ovídio, Lucano e outros.

Para que se procedesse à leitura e à compreensão destes textos, o primeiro método empregado fora a *prælectio*, que consistia na leitura que o mestre realizava de um texto previamente retificado, antes que os infantes se pusessem a relê-lo individual e silenciosamente. Isto porque havia uma necessidade de que assim se o fizesse em razão de uma ausência de uma pontuação adequada e de separação das palavras. Consistia em proceder-se à leitura e explicação oral de um texto pelo mestre, com vistas a também facilitar a memorização.

A *enarratio* consiste em comentário ou interpretação oral de uma passagem de um escritor, dando a conhecer quando se compôs a obra, com que motivos, os antecedentes do texto em voga, o contexto em que se insere, o conhecimento gramatical dos vocábulos, explicação das construções e figuras de dicção e pensamento (GALINO, 1973, p. 270).

A *emendatio* consiste na retificação dos textos com vistas a purgar-lhes os erros. Já o *iudicium* consiste na crítica valorativa das qualidades estéticas, morais ou filosóficas do texto (*bene dictorum comprobatio*) (PARKES apud PRIETO, 2010, p. 69).

TEÓRICOS DA PEDAGOGIA DA “HUMANITAS”: AS CONTRIBUIÇÕES DE MARCO PÓRCIO CATÃO (234-149 a.C.) E MARCO TERÊNCIO VARRÃO (116-27 a.C.)

Marco Pórcio Catão, ou Marcus Porcius Catus, igualmente conhecido como Catão, o Velho, foi um político romano. Ainda recebeu a alcunha de Catão, o Censor ou Catão Censorino; Censurinus era um sobrenome romano, e na Vida dos homens ilustres de Plutarco, seu nome consta como Marcus Cato Censorinus. Originariamente, o nome de Catão era Marcus Portius Priscus; e torna-se conhecido pela alcunha de Cato por sua sagacidade, uma vez que a palavra *catus* em latim quer dizer tanto sagaz como astuto.

Nasceu em Tusculum em 234 a.C. Foi cônsul em 195 a.C e censor em 184 a.C. Filho de plebeus, foi criado à moda de seus ancestrais, e atuava na agricultura quando não estava realizando serviços militares. Conciliava seu afã pela agricultura com a oratória e estudos liberais, o que fez com que Lúcio Valério Flaco o levasse para Roma e lá empreendes-se longa carreira política, tendo feito *cursus honorum*, sendo tribuno em 214 a.C., questor em 204 a.C.,

pretor em 198 a.C., cônsul em 195 a.C. e censor em 184 a.C. Nicolao Tolentino a ele se refere assim em versos:

Entre medos e violência.
 Entrar no latim já posso;
 E jurei obediência.
 A um clérigo que era um poço
 De tabaco, e de sciencia.
 (TOLENTINO, 1839, p. 196)

Para triunfar na carreira consultar desenvolveu a destreza da oratória de tal forma que chegou a ser chamado de "Demóstenes romano". Tito Lívio se refere a Catão como um dos mais renomados oradores de sua época, cuja eloquência sobreviveu ao tempo. No tratado *De Claris Oratoribus*, Cícero diz, ao se referir a Catão:

Que homem, deuses immortaes!
 Ponho de parte o cidadão, o senador, o general: aqui só trato do orador.
 Quem foi mais grave do que elle no louvar?
 Quem foi mais vehemente na censura?
 Quem foi mais engenhoso nas sentenças?
 Quem mais subtil na exposição de uma causa?
 As suas cento e cincoenta orações, que tantas encontrei e li estão cheias de expressões e de cousas magnificas. Embora se faça seleção das mais notáveis – em todas se nos deparam as qualidades próprias do verdadeiro orador. E as suas origens! Qual belleza, qual eloquência não possuem ellas! Etc. etc. (Quis illo gravior in laudando? Acerbior in vituperando? In sententiis argutior? In docendo e disserendo que subtilior? etc.) (RIBEIRO, 1867, p. 188.)

O primeiro escritor de prosa latina de renome. Foi o primeiro escritor de uma obra que relata de modo fidedigno a história da origem e desenvolvimento do povo romano em latim, *De originibus*. Tal obra, cujos sete livros se perderam, consiste em uma hábil combinação das biografias políticas com a coloração moral característica de seu pensamento. Catão começou a redigi-la em 168, e a mesma ficou inacabada em razão de sua morte em 149, obra em que estabelece a língua latina como um mecanismo apto a sustentar a prosa narrativa.

O *De re rustica* ou *De Agricultura*, constitui o tratado em prosa mais completo acerca do cultivo dos campos, assinalando tal cultura como uma das principais técnicas no contexto da Roma *veteri*. Se vale para tanto de uma linguagem arcaizante, de léxico limitado e estilo seco. Tal obra deixa-nos à mostra a importância dada aos costumes empreendidos pelos

antigos romanos, e mesmo um certo orgulho pelo passado deixado por seus ancestrais. Através dele, Catão deixa-nos igualmente antever sua destreza técnica na arte agrícola, e a persistência ao cultivo da vinha e da oliveira, fomentando o interesse campesino. Neste livro, percebe-se um uso frequente de vocábulos gregos, apontando o influxo da cultura helênica em Roma. Todavia, contra isso, se levantou Catão, afirmando que não se devia abrir as comportas romanas para a literatura grega, que a seu ver era dileitante e afeminada: "*Oyelo bien, Marco, hijo mio, esto es, palabra de oráculo: si algún dia llega a traspasarnos su literatura, estamos perdidos*" (GALINO, 1973, p. 248).

Resumidamente, se faz sentir na obra de Catão um caráter crítico dos costumes, ostentando todo um discurso moral contra os vícios que poderiam turbar as *virtutes* romanas, fazendo com que seu discurso fosse empregado veementemente no medievo com vistas a evitar "depravações" de toda ordem, que fosse de encontro ao código social vigente.

Os *Disticha Catonis*, ou *Carmen de Moribus*, é a obra mais conhecida de Catão, seria um conjunto de regras sapienciais para a vida. Wayland Chase assevera que esta obra fora "[...] o primeiro livro-texto de latim para os alunos da Idade Média e um livro-texto com uma moral, ou seja, com os ensinamentos dos dísticos" (BRAGANÇA, 2005, p. 28).

No período da renascença carolíngia, o livro fora vastamente utilizado no âmbito escolar, chegando ao século XII com considerável prestígio. Le Roux de Lincy questiona a autoria da obra, assinalando a vasta alteração teórica que se fez no transcurso do séc. XVII a respeito, e que não haveria como a atribuir a Catão uma vez que cita autores como Virgílio, Ovídio e Lucano. Em que pese isso, razão não há para duvidar da autoria da obra e sim acreditar em adendos à obra feitos ulteriormente por sucessores seus.

No *Preceptum ad filium* e no *De liberis educandis*, que restaram perdidos, esboça seu ideal educativo, lecionando que o ideal educativo é formar o caráter, razão por que, no *De epistolis oratoribus*, afirma ser a arte oratória a finalidade última para a realização da virtude (LARROYO, 1970, p. 215). Catão também chegou ainda a elaborar outros escritos sobre economia, jurisprudência, arte da guerra e medicina.

Por sua vez, Marco Terêncio Varrão nasceu em Rieti, cidade sabina, oriundo de uma família plebéia. Mui precocemente dirigiu-se a Atenas para estudar Filosofia, quando então entra em contato direto com legado humanístico do povo grego. Diferentemente de Catão, já não vislumbra na adoção da cultura helênica um perigo e crê na simbiose entre os interesses nacionais

e os elementos gregos. Poder-se-ia sintetizar sua obra em um único intento: fazer humano o cidadão romano, e para tanto, deve valer-se da “Paideia” grega, que unida às peculiaridades nacionais, forja a *humanitas* romana (*romanitas*) (GALINO, 1973, p. 108).

Conhecido como Reatinus, Varrão é um dos mais fecundos eruditos da Antiguidade: escreveu em torno de 620 livros. Varrão deslocou-se rumo a Roma, para estudar com os melhores mestres da época. Na escola de Lúcio Ácio – a quem dedica sua obra de maior cunho, *De antiquitate litterarum* –, apreende rudimentos de gramática. Posteriormente, passa a ter aulas com Lúcio Élio Estilão, que o inicia na etimologia e na atividade oratória, e assim prossegue à carreira política e forense. Ainda em Roma empreende o estudo da filosofia com Fílon de Larissa e Antíoco de Ascalon, indo aperfeiçoar seus estudos em Atenas de 84 a 82 a.C. Em contato com a civilização grega, lançaria as bases do que viria a ser a *humanitas* romana.

Foi censor, tribuno da plebe, pretor e embaixador de Pompeu na Espanha. Conta Suetônio que Júlio Cesar, após a Batalha de Farsalia, teria forjado um projeto no sentido de estabelecer uma biblioteca pública em que se congregassem as obras de todos os autores gregos e latinos, atribuindo a Varrão tal mister. Por tal razão, Quintiliano a ele se dirigia como “*romanorum ereditissimus*” (Inst. 10.1.95).

Dotado de um uma memória singular e de uma vasta cultura, em uma mescla de arcaísmo e atualidade, sua obra contribuiu para a consolidação do modelo romano de educação, representando um ritual de passagem entre a educação antiga conservadora e uma educação voltada a um ideal cosmopolita, bem sintetizado por Aulo Gélío em Noites Áticas

Qui verba Latina fecerunt quique his probe usi sunt, ‘humanitatem’ non id esse voluerunt, quod vulgus existimat quodque a Graecis philanthropia dicitur et significat dexteritatem quandam benivolentiamque erga omnis homines promiscam, sed ‘humanitatem’ appellaverunt id propemodum, quod Graeci paideian vocant, nos eruditionem institutionemque in bonas artis dicimus. Quas qui sinceriter cupiunt adpetuntque, hi sunt vel maxime humanissimi (GELLI, 1824, p. 198-199).

Varrão possui extensa produção literária, tendo escrito em torno de 620 livros acerca dos mais variados assuntos, dos quais só se conservaram dois, *De Lingua Latina* e *De Re Rustica*. Dentre os trabalhos perdidos, encontram-se cento e dez Sátiras Menipeas, quarenta e um de Antiguidades, à qual só temos parco acesso através do *De Civitate Dei* de Santo Agostinho verdadeira referência às enciclopédias pósteras; setenta

e seis diálogos, quinze livros de retratos biográficos e uma enciclopédia de artes liberais que seria utilizada posteriormente por Marciano Capella. Varrão é tido como o primeiro gramático que realizou um tratamento teórico sobre etimologia.

Sua obra *De lingua latina*, escrita entre 47 e 45 a.C., foi escrita em dois momentos distintos; na primeira, que compõe os livros II a IV, dedicado a Públio Septímio, foi publicado antes de 47; o segundo, que se compõe dos livros V a XXV, bem como o livro I (que constituía o prefácio com uma introdução da obra), fora publicada entre 45 e dezembro de 43 a.C., ano da morte de Cícero, a quem a dedica. De tal obra chegou até nos tão somente dos livros V ao X, sendo este último incompleto, bem como distintos fragmentos de diferentes livros.

O *De lingua latina* é composto de divisões e subdivisões consoante a teoria tripartite da linguagem, instituída por Varrão tendo em vista a mística da numerologia pitagórica: a primeira parte, a *impositio*, comporta dos livros II a VII, correspondente à etimologia; a segunda parte, ou *declinatio*, dos livros VIII a X, que trata da morfologia; a terceira parte, ou *coniugatio*, dos livros XI a XXV, versa sobre a sintaxe (MARTÍNEZ, 2000, p. 16).

A obra *Antiquitates Humanarum et Divinarum* é uma enciclopédia, sendo que 25 livros foram destinados às coisas humanas e 16 às coisas divinas, destinada a explicitar e discernir três gêneros de teologia: a “mítica”, narrada pelos poetas; a “política”, relativa às instituições e cultos do Estado e a “natural” referente à natureza do divino tal qual se manifesta na realidade. Esta obra fora publicada em 47 e dedicada a Júlio César e é dela que se extrai a maior parte das notícias legadas pelos antigos gramáticos e comentaristas. Os autores cristãos, mormente Santo Agostinho no *De civitate Dei*, conservaram fragmentos desta obra, da qual extraíram a maior parte de seus conhecimentos acerca da Antiguidade.

Todavia, no que atine à questão educativa, a obra de maior repercussão são seus *Nove Livros das Ciências (Disciplinarum Libri Novem)*, espécie de enciclopédia sobre artes e ciências, que compreendia as sete artes liberais: o *trivium* (gramática, retórica e dialética) e *quadrivium* (geometria, aritmética, astronomia, música), bem como tratados de arquitetura e medicina, que recebiam dos romanos especial atenção naquele período. Esta obra faz parte da crescente tendência à condensação e sistematização dos saberes a qual na Idade Média encontra seu lapso mais intenso. Seu intuito como escritor era propiciar o rápido acesso ao saber considerado necessário de maneira ordenada e sistemática.

REFERÊNCIAS

- ARIÈS, Philippe; DUBY, Georges. *Historia da vida privada* – do Império Romano ao ano mil. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- BOWEN, James. *Historia de la educación occidental*. Barcelona: Editorial Herder, 1976.
- BRAGRANÇA Jr., Álvaro A. A paremiologia medieval e o mundo clássico: um estudo de caso. *PHOENIX*, Rio de Janeiro: Laboratório de História Antiga, UFRJ, n. 11, p. 17-32, 2005.
- CATO, Dionysius. *Catonis philosophi liber post Ios*. Scaligerum vulgo dictus Dionysii Catonis disticha de moribus ad filium. Berolini: Svmptibus Calvarii Sociorum, 1869.
- GALINO, Maria A. *Historia de la educación: edades antigua y media*. 2. ed. Madrid: Gredos, 1973.
- GELII, Auli. *Noctes Atticae*. Göttingen: Vandenhoeck et Ruprecht, 1824.
- GRAVES, Frank P. *A history of education before the Middle Ages*. Nova York: Macmillan, 1909.
- LARROYO, Francisco. *Historia Geral da Pedagogia*. São Paulo: Mestre Jou, 1970.
- MANACORDA, Mario A. *Historia de la Educación: De la antigüedad al 1500*. Madrid: Siglo XXI, 2000. v. I.
- MARROU, Henry-Irenée. *Histoire de l'éducation dans l'antiquité*. Paris: Éd. du Seuil, 1948.
- MARTÍNEZ, Cristina S. *La etimología latina: concepto y metodos*. Tese (Doutorado) – Departamento de Universidade de Murcia, Departamento de Filologia Clásica, Murcia, 2000.
- MONGELLI, Lenia M. *Trivium e quadrivium: as artes liberais na Idade Média*. Cotia: Ábis, 1999.
- MONROE, Paul. *A text-book in the history of education*. Nova York: Macmillan, 1935.
- MORIN, Lucien; BRUNET, Louis. *Philosophie de l'éducation*. Quebec: Les Presses de L'Université Laval, 2005.
- PRIETO, Ana B. Aprender a leer y escribir antes del año mil. *Estudios sobre la educación*, v. 18, p. 59-81, 2010.
- RIBEIRO, José S. Anotações de algumas passagens dos nossos melhores clássicos. In: *O panorama*, Lisboa: Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis, v. 17-18, p. 187-189.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Emílio ou Da educação*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- SEELEY, Levi. *History of education*. Nova York; Cincinnati; Chicago: American Book, 1899.
- SENECA, Lucius Annaeus. *Rhetoris Opera*. Biponti: Ex Tipografia Societatis, 1783.
- TOLENTINO, Nicolau. *Obras completas*. Lisboa: Editores Castro, Irmão & Ca., 1861.

NOTA

- ¹ Bacharel em Direito (PUC-RS). Especialista em Direito do Estado pela UFRGS. Membro do grupo de pesquisa UFRGS "Metodologia Jurídica na Pós Modernidade" sob a orientação do prof. Dr. Alfredo de J. Flores. Mestranda em História do Direito no Programa de Pós-graduação em Direito da UFRGS.

Recebido em: 22/04/2013; aceito em: 19/07/2013.